

Ônibus é o problema em Marechal Rondon

No começo, o deserto

O funcionário público aposentado Alexandre de Oliveira, 64 anos, tem muitas histórias para contar sobre o bairro de Marechal Rondon, que nem tinha este nome quando ele mudou para o local com a mulher e dois filhos. Isto aconteceu em 1969, explica, quando a área era na verdade uma mata fechada que abrigava até animais de médio porte. O local era conhecido como Loteamento Nova Campinas e a mudança para um ponto tão deserto aconteceu depois que sua casa foi desapropriada para a construção do Acesso Norte.

Sem água, luz, transporte público, os primeiros tempos foram difíceis, mas depois o proprietário da maioria das terras de Campinas de Pirajá, o paulista Felício Carrera, criou um engenhoso sistema de distribuição de água, utilizando grossas mangueiras, e passou a atender às necessidades dos habitantes, antes supridas por um vendedor ambulante de água trazida de uma fonte em Pirajá. O serviço era bom, mas durante muitos anos desestimulou a extensão da canalização de água a Marechal Rondon.

Segundo Alexandre de Oliveira, o comerciante de água resistia à novidade e dizia que no

dia em que isto ocorresse ele vestiria saia. "Não foi preciso que isso acontecesse", disse o antigo morador, "porque o progresso chegou de qualquer maneira". Depois disso, o transporte público, que antes era esporádico passou a ser regular e tudo melhorou. O aposentado, que também trabalhou muitos anos como barbeiro, sendo professor de várias gerações de profissionais, disse que não existe lugar melhor para se viver e que, apesar de existir violência, a situação não é difícil de resolver, bastando para isso boa vontade.

Na avaliação de Ubirajara Piajjo, a falta de área de lazer é prejudicial à população, porque o único espaço existente é compartilhado por pessoas de bem e outras envolvidas em delitos. Além disso, o local disponível para a prática de esportes é a rua, onde as partidas de futebol são reprimidas pela polícia. Além da Estação do Pagode, que é um espaço privado onde acontecem campeonatos de Futsal, aulas de futebol de salão e de basquete, a esperança da população é um projeto da prefeitura para recuperar quadras de esporte, que poderá ajudar a modificar a situação, diz Piajjo.

O bairro de Marechal Rondon surgiu em meados da década de 60, após uma grande inundação na parte baixa do Retiro, que levou dezenas de famílias a se mudar para um ponto mais alto, cansadas de perder seus bens nos períodos de chuva. O batismo, porém, só veio em 1972, auge da valorização de grandes heróis brasileiros, a exemplo do marechal Cândido Mariano da Silva Rondon, defensor dos índios. Além dos restos de floresta que resistiam à ocupação, não havia muito a comparar, mas o nome ficou, dando idéia de um lugar a ser desbravado. Nada mais distante do que é atualmente o bairro, dotado de um comércio diversificado, com lojas de móveis, confecções, mercados, farmácias e outros.

A Sociedade Beneficente Cultural Recreativa de Marechal Rondon surgiu em 1973, mas depois de ficar desativada entre 1987 e 1993, voltou a funcionar na sua sede, no fim de linha. Estes, segundo o secretário Ubirajara Piajjo, são um dos principais problemas do bairro, devido à pequena quantidade de linhas disponíveis. As empresas Axé e São Pedro não suprem a necessidade do local, principalmente porque não existem estabelecimentos escolares de segundo grau e os adolescentes são obrigados a estudar na Richeira, com as famílias agüentando o custo de quatro viagens diárias de ônibus.

"O ideal", explicou Ubirajara, "seria que existissem linhas para Estação Pirajá, que foram retiradas pela Secretaria Municipal de Transportes Urbanos". Em Marechal Rondon também

só existe uma escola e as crianças que nela não conseguem matricula têm de estudar em Campinas de Pirajá. A sociedade beneficente mantém, por este motivo, uma escola comunitária que abriga 150 crianças de 2 a 10 anos, num misto de creche e pré-escola. "Num bairro pobre como o nosso", disse o secretário da entidade, "meninos e meninas com 10 anos de idade na maioria das vezes não sabe ler, nem escrever".

Saúde

Segundo Ubirajara Piajjo, as condições de atendimento médico em Marechal Rondon são boas, apesar de o posto municipal de saúde tratar basicamente de crianças. Nos últimos dois

meses, após muitas solicitações da comunidade, a unidade está contando diariamente com um médico clínico e com um dentista uma vez por semana. Os moradores também contam com uma clínica particular bem equipada, que tem convênio com o SUS e atende principalmente a urgências ortopédicas. Em casos mais graves, é preciso recorrer aos postos médicos de São Caetano e Pirajá.

Entretanto, as condições de saúde dos moradores não são melhores porque a principal via do bairro, a Rua Vicente Celestino, não tem sistema de esgotamento sanitário, ao contrário das transversais e ruas menores. O comerciante Genildo Lima diz que a situação é um absurdo, principalmente porque algu-

mas residências não têm fossa e os dejetos são atirados em via pública. Proprietário da Panificadora e Padaria Brasil, diz que desde a ocupação do bairro este serviço vem sendo solicitado.

Ubirajara Piajjo diz que há 15 dias o prefeito e lideranças políticas estiveram na área, prometendo a chegada das obras do Bacia Azul para os próximos meses. Ele diz que a comunidade espera ainda que também seja resolvida a situação das ruas Antônio Calixto, Padre Patrick, Esmeralda e principalmente Lígia Maria, que foi completamente inundada com as últimas chuvas. Uma ecosta existente no bairro também é fonte de preocupação, com a ocorrência de frequentes deslizamentos, denuncia.

Símbolo da defesa dos índios

O marechal Cândido Mariano Rondon uniu o sangue ibérico no de índios das tribos guanáns, terenas e bororós. Isto parece tê-lo predeterminado a compreender melhor do que ninguém a psicologia dos indígenas, tornando-se seu defensor intransigente. "Morrer se preciso foi, matar, nunca" era seu lema, cumprido à risca, nos contatos com as tribos do interior do Brasil. Ele nasceu em Mimosa, ou Morro Redondo, em Mato Grosso, no dia 5 de maio de 1865, em plena Guerra do Paraguai. Adotou o sobrenome Rondon de um tio que ajudou em sua educação. De 1900 a 1906 trabalhou na construção das linhas telegráfi-

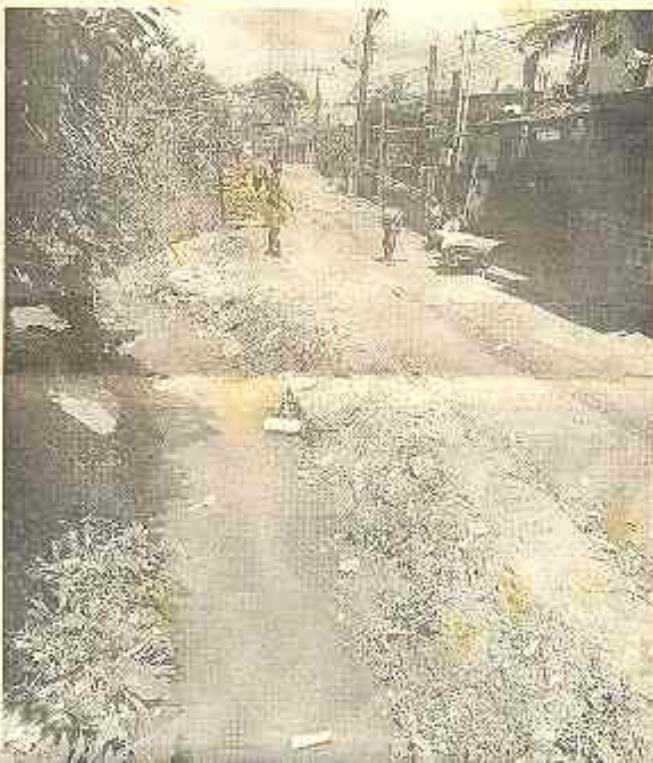
cas de Cuiabá a Corumbá, com prolongamento até as fronteiras do Paraguai e da Bolívia.

Foto: Quilô



Marechal Cândido Rondon

Começou a aprofundar seu relacionamento com os povos indígenas, tendo sido convidado em 1910 para a chefia do Serviço de Proteção aos Índios e Trabalhadores Nacionais, aceitando o posto, mas se mostrando contrário à catequese religiosa. Depois disso, continuou seu trabalho de entender as telecomunicações à região Centro-oeste e Norte do Brasil, sempre protegendo os índios contra seus exterminadores. Dois anos antes de morrer, em 1958, foi homenageado com a mudança do nome da região conhecida como Território do Guaporé para Território de Rondonia, atualmente um estado da região amazônica.



As centenárias matas que recobriam o local onde atualmente vivem os 25 mil habitantes de Marechal Rondon deram lugar a edificações, ruas e ladeiras íngremes, sem contudo mudar o clima tranquilo que cerca o lugar. Vivendo em função da Rua Vicente Celestino, que, apesar de ser a principal artéria de trânsito não dispõe de rede de esgoto, quem mora na área sofre dos mesmos problemas que atingem outros pontos da cidade, como drogas, falta de áreas de lazer, estrutura de saúde e ensino deficientes. Com crescimento limitado pela vizinhança de Campinas de Pirajá e Pirajá, o bairro tem vida própria e um folclore já incorporado à sua história.

MARJORIE MOURA



A Rua Vicente Celestino, a principal, é pavimentada, mas não recebeu a rede de saneamento básico